

ANÁLISE DO USO DE *AUFTRAGSTAKTIK* NA VITÓRIA PRUSSIANA SOBRE OS FRANCESES EM 1870-71

Capitão Ígor Berta Pitz

O Capitão de Engenharia Ígor foi declarado aspirante-a-oficial em 2009 pela Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN). É pós-graduado em História Militar pela Universidade do Sul de Santa Catarina. No exterior, frequentou o Curso de Idioma Alemão no Instituto Federal de Idiomas Alemão, o Curso da Viatura Blindada Especial Lançadora de Pontes na Escola de Engenharia do Exército Alemão e o Curso de Observador Militar das Nações Unidas no Centro de Instrução de Paz da Alemanha. Estagiou no 1º Batalhão de Engenharia de Combate Blindado da Alemanha. Aplicou seus conhecimentos no 12º Batalhão de Engenharia Combate Blindado, sediado no Alegrete – RS. Atualmente é mestrando em Engenharia de Transportes no Instituto Militar de Engenharia (igorbpitz@gmail.com).



A guerra Franco-prussiana de 1870-71 foi um dos primeiros conflitos contemporâneos em que foram empregados modernos meios tecnológicos. O emprego de fuzis com longo alcance, metralhadoras, canhões com retrocarga, ferrovias e o telégrafo influenciaram decisivamente na forma de combater dos exércitos no século XIX. Com o objetivo de verificar os fatores que garantiram a vitória prussiana nesse conflito, este trabalho verificou a influência de *Auftragstaktik*, uma forma descentralizada de comando e controle (C²), no modo de combater do Exército Prussiano. Entendido como as ações que um subordinado executa sem ordens superiores e limitadas pela intenção de seu comandante, *Auftragstaktik* requer um alto grau de iniciativa nos comandantes subordinados, os quais têm que estar dispostos a adotar riscos calculados para ganhar uma vantagem decisiva no campo de batalha. Foram analisadas as atuações de comandantes dos escalões estratégicos na emissão de diretivas, verificando a atuação

de seus subordinados no cumprimento desses tipos de ordens. Desta forma, chegou-se à conclusão de que o fator decisivo para a vitória alemã na Guerra Franco-prussiana foi o emprego de *Auftragstaktik*.

O Marechal Moltke, Chefe do Estado-Maior Prussiano de 1857 a 1888, quando passou para a reserva, frequentemente contava uma história que descrevia a essência do sistema de comando alemão. Certa vez, após uma batalha, o príncipe Karl Friedrich chamou um major e o repreendeu por uma decisão tática errada. Este o respondeu dizendo estar cumprindo uma ordem dada pelo seu comandante, o que correspondia a uma ordem direta do próprio rei. O príncipe lhe respondeu: “O rei o promoveu a major porque ele acreditava que você saberia quando não ter que cumprir as suas ordens”.

A doutrina militar evolui, assim como outros fatores preponderantes no campo de batalha. Ideias que dão certo são copiadas por outros exércitos. Assim aconteceu com o sistema de C² prussiano empregado ao longo do século XIX.

O manual de C² do Exército Brasileiro (EB) define essa atividade como “o exercício da autoridade e da direção que um comandante tem sobre as forças sob o próprio comando, para o cumprimento da missão designada. Viabiliza a coordenação entre a emissão de ordens e diretrizes e a obtenção de informações sobre a evolução da situação e das ações desencadeadas.” (BRASIL, 2015, p. 1-2), assim como o ciclo de C², uma “ferramenta de auxílio para a concepção, para a avaliação dos processos de tomada de decisão e para a busca da paralisia do processo decisório do oponente.” (BRASIL, 2015, p. 2-6). Este ciclo está estruturado em quatro fases: observar,

orientar-se, decidir e agir. Ele leva em conta a consciência situacional, o desenvolvimento das linhas de ação, as ordens e intenções do comandante e a execução das ações.

Ao atentar para fatores que influenciavam o campo de batalha, os prussianos pensaram que tinham um novo problema à sua frente. Depois das derrotas em Jena e Auesrstadt em 1807 para Napoleão Bonaparte, pensadores prussianos, liderados por Scharnhorst, efetuaram uma reforma militar dentro do exército e sociedade prussianas. Suas conclusões foram: os conflitos teriam curta duração; o maior poder de fogo e letalidade das armas forçaria o emprego de formações dispersas, numa área e profundidade maiores que antes; os efetivos militares seriam maiores e atuariam em amplas frentes de batalha; as guerras não seriam mais resolvidas no campo de batalha, mas sim quando determinado objetivo político-estratégico fosse alcançado. Assim, o comandante não poderia sentar-se e observar, a fim de posicionar suas tropas para o xadrez de batalha.

Eles tentaram a ideia descentralizada de comando, na qual um comandante deixaria clara sua intenção para seus subordinados, dizendo-lhes apenas o que deveriam fazer, e não como fazer. Eles deveriam exercer suas iniciativas, fazer o planejamento, tendo em vista a intenção, escolhendo uma linha de ação e executando-a com rapidez e vigor.

Moltke colocou observações que evoluíram esse sistema de C², hoje batizado de *Auftragstaktik*, e o inseriu dentro do corpo de oficiais, verificando tratar-se de um fator preponderante para o sucesso de seu país como Estado. Moltke acreditava que o planejamento além das primeiras operações

era desnecessário, e que os comandantes deveriam estar aptos a planejar de acordo com a evolução dos acontecimentos. Eles devem agir de acordo com seu instinto e julgamento de situação, ao invés de esperar por ordens, tendo liberdade para agir, até mesmo errando se preciso fosse. Os comandantes teriam de balancear o risco entre iniciativa e precaução. Riscos calculados são necessários e devem ser precedidos de um pensamento cuidadoso. Os subordinados em contato mais cerrado com o inimigo teriam melhores condições de decidir o “como fazer”. Oficiais de todos os postos deveriam ser treinados dessa forma.

Moltke enfatizava o treinamento dos recursos humanos, que deveriam tomar as decisões de maneira rápida e acertada. Cada nível de comando deveria saber perfeitamente a intenção do comandante dois níveis acima do seu. Durante jogos de guerra, Moltke evitava passar ideias ou soluções preconcebidas, que prejudicariam o uso da flexibilidade e da criatividade para a solução dos problemas militares apresentados. Situações únicas eram criadas para que um subordinado descumprisse ordens, a fim de poder atingir o propósito maior da operação.

BUCHHOLZ (1991) define Moltke como pertencente a “um novo estilo de oficial: moderno, astuto e tecnicamente educado”. SONNENBERGER (2013, p 15-16) coloca que as mudanças implementadas por ele “incluíram a criação do Estado-Maior Prussiano, a introdução de oficiais mais bem treinados, mudanças na estrutura militar, equipamentos, sistema de recrutamento e outras”.

Em sua obra “Instruções para Comandantes de Grandes Unidades”, Moltke mostra conclusões que consolidaram o que

Entendido como as ações que um subordinado executa sem ordens superiores e limitadas pela intenção de seu comandante, *Auftragstaktik* requer um alto grau de iniciativa nos comandantes subordinados, os quais têm que estar dispostos a adotar riscos calculados.

ficou conhecido por *Auftragstaktik*. Essa obra traz princípios de C² para comandantes de unidades no nível operacional, assim como a nova doutrina que seria utilizada na Guerra Franco-Prussiana.

O comandante poderia aceitar erros e falhas individuais, desde que todos os comandantes subordinados entendessem os fins estratégicos e operacionais desejados. O Estado-Maior Prussiano concluiu que a iniciativa e a falha eram mais desejáveis do que precaução e inércia. Comandantes que falhavam eram raramente depostos, desde que o seu entendimento das diretivas fosse razoável e sua execução vigorosa. (Gunther, 2012, p. 3).

O fator missão “é prescrito pelo escalão superior, contendo os principais aspectos

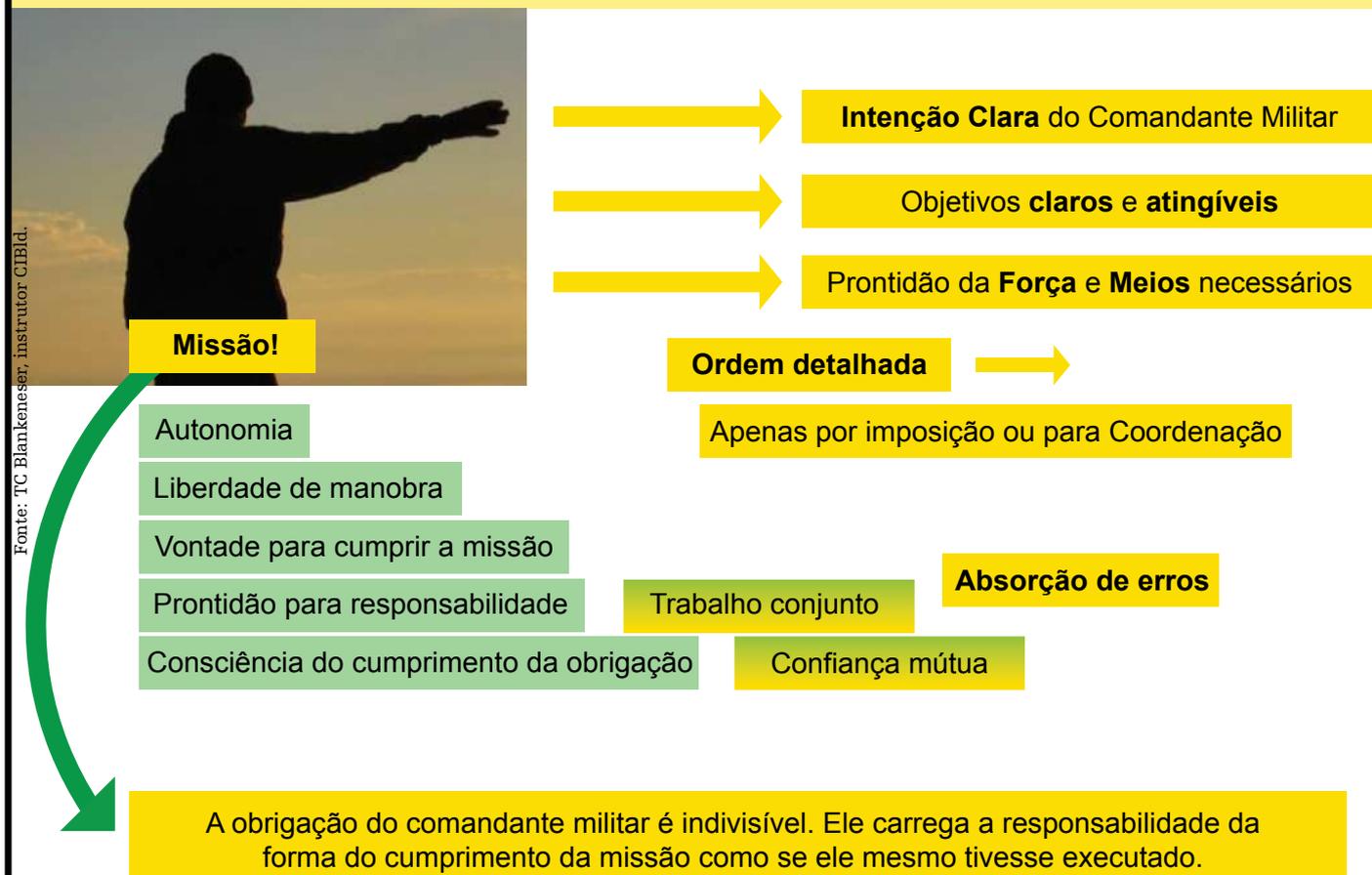
que norteiam as ações daquele escalão, no contexto do movimento e manobra por ele idealizados.” (BRASIL, 2014, p. 3-11). Ações descentralizadas, conduzidas por comandantes com alto grau de iniciativa, geraram ganhos maiores do que as decisões centralizadas nos altos escalões.

Poucos trabalhos fazem referência à Guerra Franco-Prussiana e ao emprego de *Auftragstaktik* durante o conflito. Os trabalhos de WAWRO (2003) e HOWARD (2005) são as principais fontes históricas sobre a guerra, e *Auftragstaktik* é citada em trabalhos acadêmicos como os de DIAS (2013), GUNTHER (2012), SONNENBERGER (2013) e VANDERGRIF (2013).

VANDERGRIF (2013) diz que “*Auftragstaktik* é uma palavra alemã que

Auftragstaktik

Principal princípio de liderança das Forças Armadas Alemãs



Fonte: TC Blankeneser, instrutor CIBid.

Esquema de *Auftragstaktik*.

implica em que, uma vez que todos hajam entendido a intenção do comandante (dois níveis táticos acima), todos estão livres para agir, dentro dos limites do dever, e usar sua criatividade e iniciativa para cumprir suas missões dentro dessa intenção, adaptando à medida que as circunstâncias mudarem.”

GUNTHER (2012, p. 7-10) diz que os prussianos utilizavam “ordens diretas (*Befehl*), uma ordem detalhada tanto na tarefa como no método, e diretivas (*Direktiven*), que davam ao subordinado uma tarefa e explicavam-lhe o motivo pelo qual recebera a missão, dando-lhe mais liberdade para executar”. Mas haviam exceções: “quando o movimento de duas grandes unidades necessitava ser bem coordenado e quando o rei achava que um comandante subordinado não estava seguindo suas diretivas”. Gunther conclui que os subordinados precisam ter a noção de quando agir de maneira oposta à ordem recebida, desde que cumprindo a intenção do comandante. Ele ainda coloca que *Auftragstaktik* é composta por dois termos separados, cuja má interpretação levou a equívocos, como termos do tipo ‘táticas orientadas por missões’, ou simplesmente ‘missão-comando’.

NELSEN (1987) coloca que *Auftragstaktik* necessita de dois fatores para ser praticável. Primeiro, um comandante deve ter uma grande vontade de assumir riscos, ou seja, em situações que requerem pensamento independente, ele teria a liberdade e o dever de tomar uma decisão; e que omissão e inércia eram consideradas muito piores do que más decisões tomadas num esforço honesto de agir decisivamente. Segundo, o sistema de comando deve permitir a livre iniciativa de comandantes subordinados, nunca lhes dizendo como fazer, mas sim o que fazer, dando-lhes recursos e ferramentas que eles necessitem.

DIAS (2013, p. 58) cita que em *Auftragstaktik* “é passada também a ideia de que o comandante informa sua intenção, estabelecendo de forma clara

e factível os objetivos a serem atingidos e provê ao subordinado todos os meios necessários para o cumprimento da tarefa imposta”, permitindo-lhe “agir conforme suas avaliações, objetivando, em função da análise das constantes mudanças de situação, a permanente busca do cumprimento da missão”. O comandante, sendo quem determina o estado final desejado, não pode delegar ao subordinado a responsabilidade de providenciar os meios para o cumprimento da missão recebida.

Auftragstaktik não é apenas uma simples técnica de comando e controle, mas também uma ferramenta eficaz de liderança e gerenciamento, que representa sobremaneira um verdadeiro pilar de sustentação para o emprego pleno da própria arte operacional militar. (...) Por outro lado, isto significa que o subordinado passa a ter uma grande responsabilidade e compromisso no processo do cumprimento da missão, sendo o treinamento um fator crucial para o correto e eficaz emprego da filosofia de *Auftragstaktik*, desde os tempos de paz. O treinamento deve se traduzir por ensinar os soldados a pensar de forma independente, usando sua inteligência e personalidade, dentro do que prevê a intenção do seu comandante para a operação. (...) *Auftragstaktik* é muito mais do que simplesmente missão dada pela finalidade. Na verdade, significa ainda mais do que “táticas orientadas para a missão”, que embora seja uma definição mais sofisticada, ainda é uma aproximação grosseira e imperfeita. Esse termo gera um conceito extraordinariamente amplo, que holisticamente abrangia aspectos que atualmente seriam chamados de teoria da natureza da guerra, traços do caráter e liderança, tática, comando e controle, relações entre comandantes e os subordinados, assim como treinamento e educação. (DIAS, 2013, p. 53-54).

O emprego de um sistema de C² não pode ser exclusivo do nível estratégico para ser eficiente. Os prussianos, cientes disso, tentaram disseminar a ideia de *Auftragstaktik* nos níveis operacional e tático. Verifica-se que este é um conceito bastante abrangente, que encerra em si muito mais do que um eficaz método de condução de tropas em situação de combate ou operações de natureza militar das mais diversas.

OS DOIS EXÉRCITOS EM 1870 E AS CAUSAS DA GUERRA

HOWARD (2005, p. 8) menciona que os governos no século XIX queriam exércitos politicamente confiáveis e militarmente eficazes. Eles tinham de escolher entre um exército profissional com soldados de carreira, ou aplicar o conceito de nação em armas. Com a primeira, a nobreza poderia garantir seu poder e a burguesia os seus interesses. Se optassem pelos nacionais, o exército poderia conter elementos revolucionários, não concordando com a política do Estado.

Os franceses utilizavam um exército profissional, com um efetivo de quatrocentos mil militares, os *grog-nards* (veteranos de guerra), mais velhos e experientes, não possuindo muitos reservistas. O Exército Francês era um instrumento político do imperador Napoleão III. Suas campanhas recentes foram contra Áustria (1859) e México (1867).

O armamento da infantaria era o recém-criado fuzil *Chassepot*, o melhor de sua época, possuindo novecentos metros de alcance útil, com um maior poder de penetração e diversas outras vantagens. Possuía ainda a *Mitrailleuse*, o primeiro modelo de metralhadora já fabricado, um tipo de “canhão revólver”, acionada por uma manivela, com alcance máximo de mil e cem metros.

A artilharia francesa estava equipada com canhões *Napoléon*, tipo antecarga, de 2 e 6 kg, e organizada em baterias avulsas ou grandes baterias. Estas apresentavam grande poder de fogo e pouca mobilidade, e aquelas o inverso, sendo dispersas no campo de batalha.

A cavalaria francesa estava organizada em cavalarianos leves (hussardos e dragões)

e cavalarianos pesados (couraceiros e lanceiros). A proteção era similar para a ligeira e a pesada, mas suas missões não eram bem definidas.

A doutrina francesa previa que a infantaria formasse linhas logo atrás dos canhões, com espaços vagos para colunas de companhias realizarem contra-ataques. Na defensiva, estariam emassados em posições entrincheiradas. Pensavam que o poder de fogo das armas portáteis fosse suficiente para repelir qualquer ataque.

Os prussianos utilizavam um exército com efetivo regular de trezentos mil militares, acrescidos de quatrocentos mil reservistas. Os três anos do serviço militar obrigatório prussiano eram muito intensos, e eram passados valores como disciplina, obediência, ordem e honra. Suas experiências recentes haviam sido contra a Dinamarca (1864) e a Áustria (1866).

Na estrutura de comando, havia o Estado-Maior Prussiano, descrito por SONNENBERGER (2013, p. 15) como um “órgão desenvolvedor da técnica de

comando, caracterizado por uma formulação clara e precisa dos objetivos militares, mas sempre deixando espaço para a iniciativa individual e liberdade de ação”. Composto por cerca de sessenta oficiais, escolhidos por Moltke pelo seu desempenho profissional durante curso na academia de guerra, este *staff* era famoso pela precisão e eficiência nos seus planejamentos.

A infantaria estava equipada com o fuzil *Dreyse*, com alcance de trezentos e sessenta metros, já obsoleto em 1870. Organizados em pelotões de vinte homens, os infantas atuavam independentemente, confundindo e

Moltke evitava passar ideias ou soluções preconcebidas, que prejudicariam o uso da flexibilidade e da criatividade para a solução dos problemas militares apresentados. Situações únicas eram criadas para que um subordinado descumprisse ordens, a fim de poder atingir o propósito maior da operação.

atacando o inimigo por diversas direções.

A artilharia prussiana estava equipada com canhões *Krupp*, tipo retrocarga, de 3 e 12 kg. Possuíam eficácia três vezes melhor, disparavam mais rápido, com alcance máximo um terço maior, além de um superior poder destrutivo. Os prussianos inovaram com o conceito de *Artilleriemassen* (massas de artilharia): foram mantidas as pequenas baterias, sob um comando centralizado, e que poderiam ser facilmente realocadas onde fosse necessário.

“Muito melhor do que ser empregado em grandes massas é estar em todo lugar a qualquer hora”, dizia Moltke.

A cavalaria realizava reconhecimentos, levantamento de informações e segurança. Seu emprego descentralizado permitia-lhe atuar com grande flexibilidade, obtendo informações de maneira rápida e eficiente.

Os prussianos combatiam ofensivamente. Suas armas operavam de maneira independente onde fosse mais conveniente. Um batalhão avançaria em coluna de companhias; uma dessas atuaria desordenadamente, procurando o flanco do dispositivo inimigo. Utilizando a dispersão e operando numa frente maior, atacavam concentradamente em locais decisivos.

A conclusão dada por WAWRO (2003) é de que o Exército Prussiano era como “uma máquina interessante de pequenas e moventes partes”. Suas pequenas frações operavam independentes, perseguindo um mesmo objetivo, dificultando aos franceses diferenciar um reconhecimento em força de uma grande ofensiva. Já os franceses eram um exército profissional, com grandes problemas disciplinares, estruturado de maneira tradicional, cujo grande trunfo era a habilidade de tiro e o armamento de sua infantaria.

A Guerra Franco-Prussiana surgiu da necessidade de Napoleão III ensinar aos prussianos uma lição e de Bismarck fomentar uma guerra com os franceses para completar o processo da unificação alemã. Esse conflito, eclodido em 1870, poderia ter acontecido facilmente em 1867, 1868 ou 1869, porque a França e a Prússia estiveram próximas do conflito e só recuaram desse desejo relutantemente. (Wawro, 2003, p. 22)

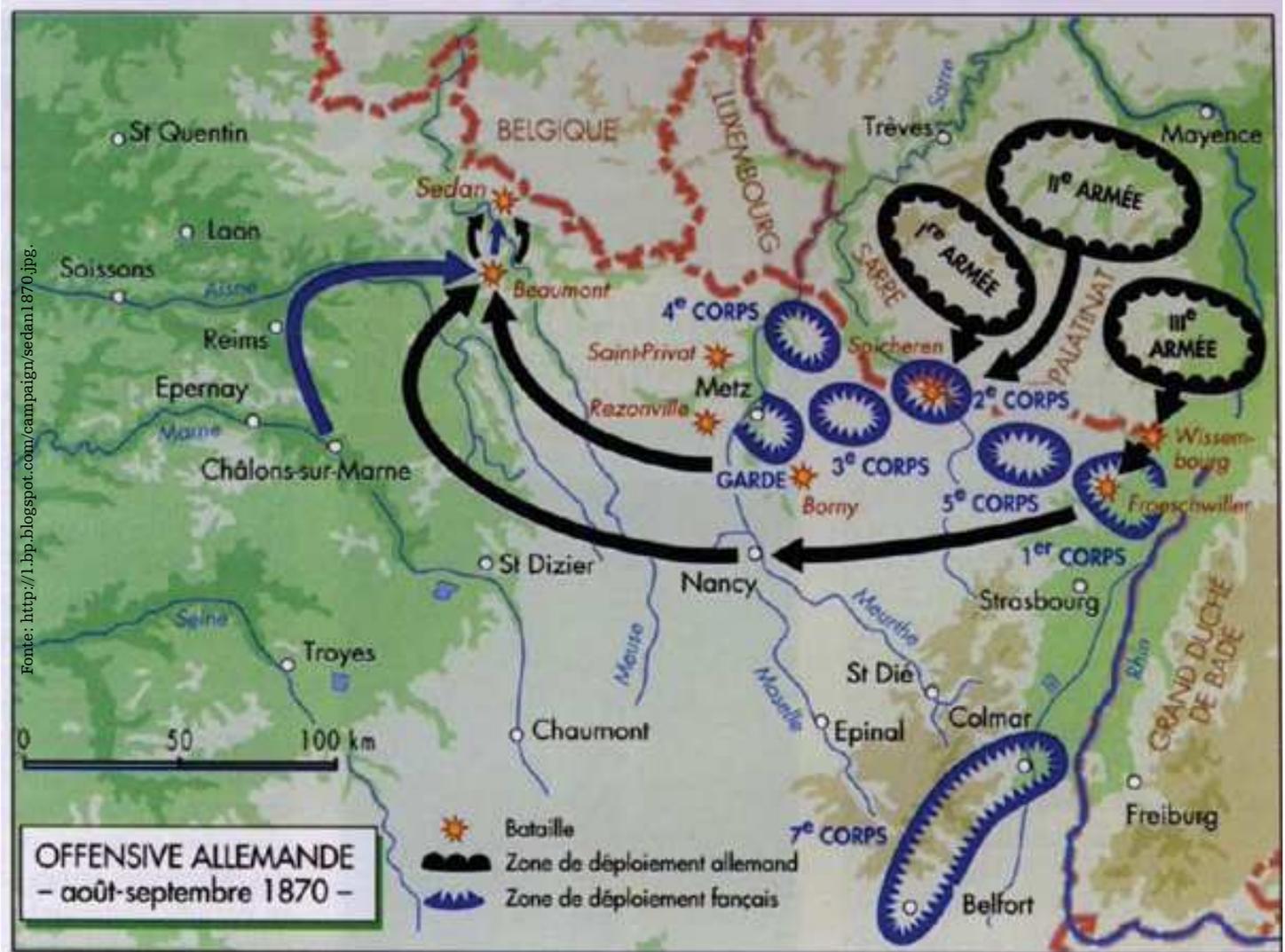
Antes de começar a guerra, o Exército Francês, um dos melhores da época, seria testado frente ao inovador Exército Prussiano. Estes queriam a guerra para gerar um sentimento nacional e unificar outros principados germânicos. Já os franceses queriam expandir seu território, neutralizar a Prússia e aumentar sua hegemonia na Europa. Napoleão III só não declarou guerra antes de 1870 por que tinha importantes reformas militares a fazer, bem como tropas espalhadas pela África, México, Itália e Indochina.

A crise derradeira veio quando o trono da Espanha fora oferecido aos prussianos. Napoleão III os imaginou ocupando fronteiras a sudoeste e leste da França. O rei prussiano solicitou que Bismarck informasse aos franceses da sua recusa, mas este utilizou uma jogada diplomática, conhecida como “Telegrama de Ems”, ao deixar vaga a intenção prussiana, não respondendo sobre a recusa ou a aceitação da oferta. A jogada política de Bismarck foi esplêndida. Ele conseguiu virar a situação, pois caberia aos franceses declararem guerra, e a Prússia teria o apoio de seus aliados e a neutralidade das potências estrangeiras. O parlamento francês formalizou, em 14 de julho de 1870, a guerra contra a Prússia.

RESUMO HISTÓRICO DO CONFLITO

Os franceses não tinham um plano de batalha elaborado ou ferrovias suficientes para transportar tropas e suprimentos. Seu efetivo foi deslocado para a região fronteira e organizado em apenas um exército (Reno). Napoleão III resolveu atacar a cidade fronteira de Saarbrücken, que logo foi abandonada pelos franceses.

A batalha de Saarbrücken facilitou os planos prussianos. Organizados em três exércitos de campanha, Moltke os posicionou tendo como objetivo estratégico derrotar o Exército Francês próximo à fronteira, com o I e III Exércitos atacando os flancos e retaguarda dos franceses, enquanto o II Exército realizaria um ataque frontal. Se cada exército prussiano seguisse seus planos, desenvolvendo iniciativas que corroborassem



A ofensiva prussiana em agosto de 1870.

a intenção do rei, respeitando seus limites de movimento, a guerra seria curta.

A diretiva emitida por Moltke para suas tropas era de “procurar as principais forças do inimigo e atacá-las, onde quer que sejam encontradas” (WAWRO, 2003, p. 108). Em 1º de agosto de 1870 os prussianos adentram o território francês.

A primeira batalha ocorreu em Weissenburg. À medida que os comandantes de divisão prussianos tomavam conhecimento do dispositivo francês, interpretavam seus mapas e enviavam brigadas para a batalha. Isso resultou em a posição francesa ser atacada de diversas direções, sendo ultrapassada, caindo em algumas horas de batalha. GUNTHER (2012) relata que os franceses ficaram estarecidos com as “táticas de enxame” prussianas, pois eles apareciam por todas as direções em pequenos grupos.

O segundo embate ocorreu em Spicheren.

O Comandante do I Exército Prussiano, General Steinmetz, mandou que suas tropas avançassem pelo caminho reservado ao II Exército, ignorando a sua área de atuação. O resultado foi o isolamento de uma divisão e confusão nas estradas. Esta ainda realizou ataques frontais, sofrendo elevadas baixas. No entanto, numa consequência do uso de *Auftragstaktik*, comandantes de divisão do II Exército enviaram brigadas para o local. Sob a iniciativa de seus comandantes, elas organizaram seus movimentos e apareceram de diferentes direções para combater os franceses. Um oficial francês dissera que “nossos homens atiraram com seus rifles durante todo o dia contra um inimigo que não diminuía, pelo contrário, sempre aumentava e avançava sobre nossos flancos” (WAWRO, 2003, p. 116).

Após a derrota em Weissenburg, os franceses ocupam posições defensivas em

Froeschwiller, que era uma posição naturalmente boa para a defesa, mas suscetível a um ataque de flanco. O comandante do III Exército Prussiano, Príncipe Karl Friedrich, planejou empregar todo o efetivo que tinha em mãos. Entretanto, os bávaros se confundiram com as estradas encharcadas da região e deram de cara com o dispositivo francês. Ao ouvir os barulhos do campo de batalha, outras divisões prussianas para lá se dirigiram, e os canhões *Krupp* começaram a abrir fogo sobre os franceses. Por volta do meio-dia, o Comandante e o Chefe de Estado-Maior do III Exército chegaram ao local e agora coordenavam o ataque, manobrando suas frações contra o dispositivo francês. Um regimento de hussardos franceses tentou contra-atacar os prussianos, mas foi obliterado pelo fogo combinado de artilharia e infantaria, resultando em mil e duzentas baixas.

Segundo WAWRO (2003), os franceses perderam em Spicheren e Froeschwiller porque a mentalidade defensiva estava muito arraigada em seus oficiais. Os prussianos conseguiam descobrir as falhas no dispositivo e realizavam um envolvimento sobre eles. Napoleão III reorganizou seu efetivo, nomeando o Marechal Bazaine comandante do Exército de Metz (duzentos mil homens), enquanto Macmahon assume o comando do Exército de Chalons (centro e trinta mil homens). Após uma semana de reorganização, Bazaine decidiu deslocar-se rumo a Chalons, a fim de se reunir com Macmahon.

Enquanto isso, os prussianos procuraram pelos franceses e ocuparam os espaços vazios. O III Corpo de Exército Prussiano estava agora posicionado entre Metz e Chalons. Ao perceber que enfrentaria todo o Exército de Metz e

ciente da importância de impedir a junção dos exércitos franceses, o General Alvensleben atacou com todo o seu isolado Corpo de Exército em Mars-la-Tour (Rezonville). Sem reservas já ao meio-dia, e com os primeiros reforços ainda distantes, Alvensleben decidiu empregar a sua cavalaria. Fazendo um uso judicioso do terreno e das nuvens de fumaça, a carga prussiana atacou com sucesso a artilharia francesa, ultrapassou-a e forçou o retraimento do Exército Francês. Conhecida como cavalgada da morte, ela salvou o dia, mas com 50% de baixas. Os franceses não realizaram contra-ataques e acabaram por retroceder na direção de Metz, ocupando posições defensivas em Gravelotte (Saint Privat).

Inicialmente, a batalha parecera uma carnificina desnecessária. Mas Moltke percebeu que os franceses ficaram presos em Metz e que poderia completar o envolvimento de maneira muito mais fácil.

Gravelotte foi a primeira grande batalha da guerra. Os prussianos empregaram duzentos mil homens, e os franceses cento e sessenta mil. O objetivo prussia-

no era de completar seu envolvimento sobre Metz, e o dos franceses, escapar do cerco e seguir para Chalons. Moltke esperava acabar com a guerra nesta oportunidade. No entanto, mais uma vez a impetuosidade do general Steinmetz prejudicou a batalha, quando este atacou frontalmente os franceses na Ravina Mance. Estes ocupavam posições entrencheadas ou atrás de muros de pedra, tornando o trabalho da artilharia prussiana ineficiente. O Corpo de Guardas prussiano ainda atacou sem preparação de artilharia, resultando em oito mil baixas. Os prussianos conseguiram ultrapassar os franceses no lado esquerdo do dispositivo, o que forçou o retraimento de

***Auftragstaktik* gera subordinados capazes de se adaptar às constantes mudanças de situação, flexíveis para se ajustar ao complexo ambiente operacional e com iniciativa para bem executarem suas missões, sendo desejosa na cadeia de comando de qualquer exército.**

todo o efetivo francês para Metz. Para Moltke foi impossível nesta batalha centralizar as ações do I e II Exército.

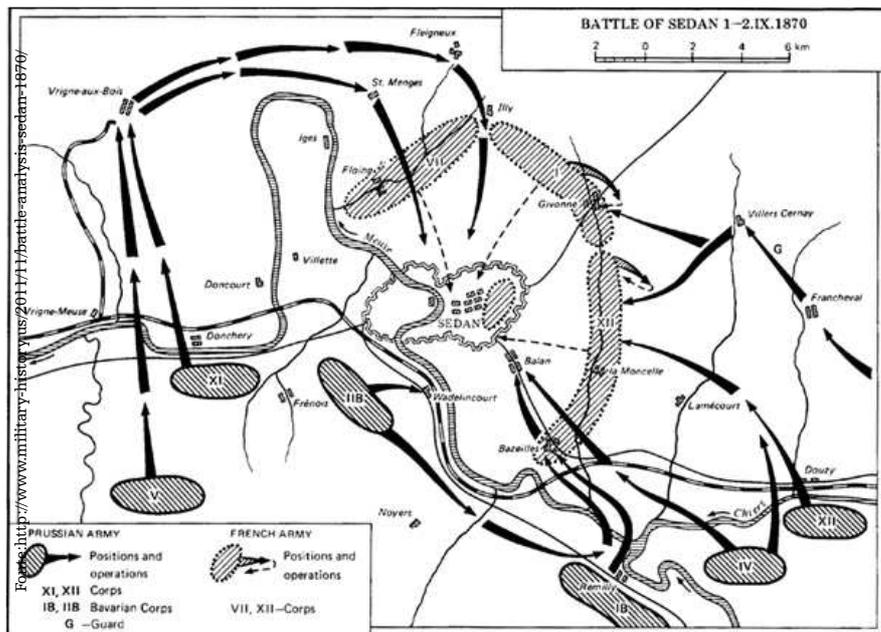
Napoleão III convocou um conselho de guerra em Chalons, onde decidiu marchar para libertar Bazaine, movendo-se na direção nordeste. Moltke decide reorganizar seu efetivo, deixando dois exércitos de campanha (I e II) no cerco de Metz, e outros dois (III e Meuse) são enviados para Chalons. Com a cavalaria atuando bem à frente do resto do Exército, os prussianos capturaram um mensageiro que carregava a ordem de batalha francesa. Para Moltke as cartas estavam agora na mesa: restava apenas manobrar seu efetivo e concentrá-los na hora da *Kesselschlacht* (batalha decisiva).

A Batalha de Sedan é o melhor exemplo da aplicação de *Auftragstaktik* durante a Guerra Franco-Prussiana. A iniciativa e atuação dos comandantes na condução da batalha mostra todas as vantagens deste sistema de C². Moltke emitiu a seguinte diretiva para a batalha: “o Exército do Meuse marchará ao longo da margem direita do Meuse, estendendo sua ala direita até a fronteira belga; o III Exército deveria cruzar o Meuse em direção a Sedan, posicionar-se entre Sedan e Paris”. WAWRO (2003, p. 212).

O Marechal Macmahon não posicionou suas tropas para uma batalha defensiva. Ele apoiou sua defesa na fortaleza de Sedan e no Rio Meuse. Aquela era do século passado e este já fora transposto pelos prussianos. Ele foi atingido por uma granada, e depois não houve mais unidade de comando entre os franceses.

A artilharia prussiana teve especial participação nessa batalha. Suas baterias operavam de maneira independente,

buscando alvos compensadores. WAWRO (2003, p. 222-227) coloca que “assim que os franceses saíam de suas trincheiras, eram martelados por granadas. Os prussianos haviam manobrado suas frações para posições com eficiência de manual, sendo mais fácil conseguir isso no quadro negro do que durante o caos da batalha.” A maioria



A batalha de Sedan

dos setecentos canhões prussianos haviam esgotado sua munição naquele dia.

A eficiência do sistema de comando ficou ainda mais evidente com o movimento concêntrico da infantaria prussiana. À medida que sua artilharia neutralizava uma posição, a infantaria a ocupava, flanqueando posições francesas. Percebendo o envolvimento, os franceses recuaram para Sedan.

A iniciativa evidenciada pelos comandantes prussianos, principalmente os de baterias, mostrou que *Auftragstaktik* já influenciava não só as decisões no nível estratégico e operacional, mas também no tático. Os prussianos venceram esta batalha devido, principalmente, à grande liberdade de manobra que possuíam, e a iniciativa que exerceram.

Napoleão III despachou um oficial com uma bandeira branca e com um bilhete dizendo “tendo falhado de morrer entre

minhas tropas, não me resta nada a fazer senão entregar a vossa majestade a minha espada” (WAWRO, 2003, p. 226). O saldo final da batalha foi de três mil mortos franceses, quatorze mil feridos e cento e três mil prisioneiros, contra um total de nove mil prussianos, entre mortos e feridos.

Para Moltke e Bismarck, a captura de Napoleão III significava que eles teriam mais trabalho pela frente. Os prussianos agora rumam para Paris com duzentos e quarenta mil homens, cercando uma guarnição de quatrocentos mil franceses em 14 de setembro. No plano externo, potências como Rússia, Inglaterra e Áustria estavam preocupadas com as rápidas vitórias prussianas. Bazaine tentava reorganizar suas forças como podia, mas não mostrava sinais de que planejava sair de Metz. Duas tentativas foram realizadas, em 26 e 31 de agosto, ambas sem sucesso. O Exército de Metz se rende em 28 de outubro.

Após a derrota em Sedan, uma república é proclamada em Paris. Novos exércitos são formados em algumas cidades, sendo o maior deles em Orleans. Moltke destaca dois corpos de exército, que seguem para lá, conquistando com facilidade a cidade. No entanto, um contra-ataque francês expulsa os prussianos da cidade. Após o príncipe Friedrich Karl assumir o comando, os prussianos retomam a cidade.

Desmoralizado por sucessivas derrotas, estando exausto e faminto, o efetivo remanescente do Exército Francês mostrara-se abatido e desejoso do fim da guerra. Os franceses permaneceram cercados em Paris desde meados de setembro até o fim do conflito. Com uma guarnição maior, eles poderiam concentrar suas tropas e romper o cerco. Entretanto, muitas desculpas possuíam os líderes franceses para não tentar, como a falta de treino ou experiência de seus soldados. Houve três tentativas de romper o cerco, em 29 de novembro de 1870, em 21 de dezembro de 1870 e em 19 de janeiro de 1871, todas sem sucesso.

As táticas de cerco utilizadas fizeram escassear alimentos e outros itens básicos de sobrevivência em Paris. O bombardeio

prussiano à capital francesa já conseguia atingir qualquer ponto da cidade. Mais de quatro mil parisienses morriam semanalmente de fome, doenças ou frio. Fora proclamado o *II Reich* (Segundo Império Alemão) em 18 de janeiro de 1871, com a adesão de diversos Estados que se uniram à Prússia. Em 20 de janeiro, manifestantes libertaram diversos revolucionários da prisão, dando início à Comuna de Paris. Esta é controlada e a paz acordada.

Como parte do processo de paz, eleições foram convocadas. Os franceses se reúnem em Versalhes para acordar a paz com o inflexível Bismarck. Os alemães ganham a Alsácia e Lorena, bem como recebem uma indenização de guerra de cinco bilhões de francos. O tratado de paz foi finalmente assinado em 10 de maio de 1871. Ao longo de todo o conflito, os prussianos e seus aliados tiveram cento e dezessete mil baixas, contra setecentos e setenta e cinco mil franceses.

CONCLUSÃO

O que os franceses não observaram foi que a *Auftragstaktik* prussiana permitia uma descentralização ordenada para os comandantes prussianos, previamente brifados nos objetivos das batalhas, eles estavam aparentemente isolados uns dos outros. Na verdade, estavam operando juntos, lutando por um objetivo comum e suficientemente espaçados apenas para maximizar o poder de fogo de seus rifles e canhões. Os franceses tinham uma predileção por uma estrutura cartesiana, não percebendo esse fato. Por consequência, eles viam apenas o caos reinar nas táticas prussianas e só viam a sua maneira de comando como certa, na qual o decorrer da batalha era rigorosamente controlado por comandantes mais antigos. (WAWRO, 2003, p. 46)

O grande diferencial para a vitória prussiana na Guerra Franco-Prussiana de 1870-71 foi o emprego de *Auftragstaktik*. Os franceses não conseguiram descentralizar o comando de grandes efetivos. Fatores como o despreparo dos comandantes, seu excessivo pensamento defensivo e a falta de iniciativa contribuíram para a derrota francesa.

Auftragstaktik evidenciou, logo nas primeiras batalhas, seus pontos fortes e suas oportunidades de melhoria. Se alguns

comandantes estavam atuando de maneira exemplar, mostrando as grandes vantagens desse sistema de comando, outros atuavam de maneira displicente, agindo mais pela glória pessoal do que pela vitória prussiana. Alguns deles foram repreendidos por políticos como Bismarck, que chegou a dizer que Steinmetz e outros eram açougueiros e não generais, mas nunca criticados ou retirados do comando pelas mãos de chefes militares.

A concepção prática aplicada por Moltke ajuda a entender muito bem a forma de atuar do Exército Prussiano. As batalhas travadas estiveram entre as mais sangrentas do século XIX, e também entre as mais dinâmicas. *Auftragstaktik* gera subordinados capazes de se adaptar às constantes mudanças de situação, flexíveis para se ajustar ao complexo ambiente operacional e com iniciativa para bem executarem suas missões, sendo desejosa na cadeia de comando de qualquer exército.

Ao contrário do que possa parecer, esse método de C² manterá o comandante ciente de tudo que estiver acontecendo, proporcionando-lhe discernir em elevado grau de exatidão até que momento a liberdade de ação dada ao subordinado poderá ser mantida, salvaguardando o estado do material, as vidas humanas envolvidas e o próprio cumprimento da missão. No conceito de *Auftragstaktik*, pressupõe-se a existência de uma liderança exercida de maneira descentralizada, o que facilita o exercício da iniciativa em todos os níveis de comando diretamente envolvidos nos eventos do campo de batalha. Essa filosofia encoraja os subordinados a explorar as oportunidades únicas que surgem durante o combate, com base no seu discernimento, o qual está, por sua vez, pautado na intenção do comandante para o cumprimento da missão. Assim, verifica-se que os fundamentos contidos na *Auftragstaktik* são de fato válidos para qualquer escalão, pois, dentro da estrutura linear e vertical da hierarquia das forças em combate, normalmente um determinado escalão estará simultaneamente recebendo e ditando ordens. (DIAS, 2013, p. 63).

A análise colocada por Dias (2013) sintetiza a natureza, o significado e a essência de *Auftragstaktik*. Ele a insere, em termos militares atuais, como a melhor maneira de conduzir soldados, pois cria neles um

verdadeiro sentimento de cumprimento de missão.

Atualmente, verifica-se uma nova busca por esse conceito. Termos do tipo missão comando, missão pela finalidade ou missão orientada pela tarefa remontam à ideia de *Auftragstaktik*. Esses conceitos são aplicações modernas, combinadas com os meios de C² hoje existentes, como sistemas de gerenciamento do campo de batalha, internet, transmissão de dados via satélite, guerra eletrônica, etc. No entanto, as condições de combater hoje podem limitar sua influência no campo de batalha.

GUNTHER (2012, p. 59) menciona que “os conflitos recentes no Iraque e no Afeganistão demonstraram que comandantes de pequenas frações ainda podem e cumprem missões sem a assistência de um comandante mais antigo”. Ele argumenta que embora as modernas ferramentas de C² permitam aos comandantes acompanhar o que acontece no campo de batalha, eles não podem estar em todos os lugares ao mesmo tempo.

O risco operacional de *Auftragstaktik* é balanceado entre a iniciativa de um comandante subordinado e o risco calculado. Se seus princípios são seguidos por todos, o sucesso no campo de batalha será pleno, como o caso histórico da batalha de Sedan. A concepção em que um subordinado pense e inove, correndo o risco de errar, é mais adequada ao combate moderno do que aquela em que ele espera sempre por uma ordem do superior para agir.

A iniciativa de um subordinado é norteadada pela intenção de seu comandante. Este dá a missão, e os meios que aquele solicita, garantindo as ferramentas necessárias para o objetivo ser alcançado. Um estado final desejado é colocado, no qual diz ao subordinado o quanto ele pode arriscar, tentando preservar uma porcentagem maior ou menor do efetivo empregado. O risco, quando assumido, deve ser mitigado por algum outro fator.

O combate moderno coloca novos desafios para as forças armadas. O amplo espectro dos conflitos, as ameaças híbridas, a era do

conhecimento e outros fatores influenciam as operações militares e requerem uma preparação de comandantes para atuar em ambientes operacionais que variam entre a paz estável e a guerra não declarada. Será que as características desta situação não fomentam ao melhor uso de uma estrutura descentralizada de comando?

A aplicação de *Auftragstaktik* hoje poderia ser colocada em prática dentro do próprio EB, respeitadas as peculiaridades da nossa cultura organizacional. Os princípios adaptam-se perfeitamente a nossa realidade operacional, podendo inclusive, ser trazido para a vida administrativa das organizações militares da nossa Força.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Estado-Maior do Exército. Manual de Campanha EB 20-MF-10.205, **Comando e Controle**, 1. ed. Brasília, DF, 2015.
- BRASIL. Estado-Maior do Exército. Manual de Campanha EB 20-MF-10.103, **Operações**, 4. ed. Brasília, DF, 2014.
- BUCHHOLZ, A. **Moltke e as Guerras Germânicas, 1864-71 (História Europeia em Perspectiva)**. Oxford: Editora Providence, 1991, 252p. Disponível em: <http://aosupdf.berryberryfroyo.com/moltke-and-the-german-wars-1864-1871>. Acesso em 25 mar.15. Título original: Moltke and the German Wars, 1864-71 (European History in Perspective).
- DIAS, A. L. S. **A Missão-Comando, sua inserção e aplicabilidade no Exército Brasileiro**. 2013, 338p. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares), Escola de Comando e Estado Maior do Exército. Disponível em: <http://www.eceme.ensino.eb.br>. Acesso em 25 mar. 15.
- GUNTHER, M J. **Auftragstaktik: a Base para o Moderno Sistema de Comando Militar?** 2012, 68p. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares). Escola de Comando e Estado Maior, Fort Leavenworth, EUA. Disponível em: <http://indianstrategicknowledgeonline.com/web/Auftragstaktik.pdf>. Acesso em: 04 fev. 14. Título original: Auftragstaktik: The Basis for Modern Military Command?
- HOWARD, M. **A Guerra Franco-Prussiana: a invasão alemã da França 1870-1871**. 2ª Edição, revisada. Routledge: editora Routledge, 2005. Título original: The Franco-Prussian War: The German Invasion of France 1870-1871.
- JOHNSON, M. **Táticas na Guerra Franco-prussiana – tiros de abertura até a Batalha de Sedan**. Revista Wargames illustrated. p. 19-34, Ed. 313, 1994. Disponível em: http://www.flamesofwar.com/Portals/0/all_images/WargamesIllustrated/ArticlePics. Acesso em 15 mar. 15. Título original: Tactics in the Franco Prussian War from opening shots to the Battle of Sedan.
- NELSEN II, J. T. **Auftragstaktik: Um caso para batalhas descentralizadas**. Revista da Escola Superior de Guerra Estadunidense. Carlisle, PA, p 8-22, ed. 298. Disponível em: <http://strategicstudiesinstitute.army.mil/pubs/parameters/Articles/1987/1987%20nelsen.pdf>. Acesso em: 15 set. 14. Título original: Auftragstaktik: A case for decentralized battle.
- SONNENBERGER, M. **Iniciativa dentro da filosofia de Auftragstaktik: determinando os fatores do entendimento da iniciativa dentro do Exército Alemão (1806-1955)**. 2013, 102p. Dissertação (Mestrado em Ciências Militares). Escola de Comando e Estado Maior, Fort Leavenworth, EUA. Disponível em: <http://oai.dtic.mil/oai/oai?verb=getRecord&metadataPrefix=html&identifier=ADA599111>. Acesso em 25 mar. 15. Título original: Initiative within the philosophy of Auftragstaktik: determining factors of the understanding of initiative in The German Army (1806-1955).
- WAWRO, G. **A Guerra Franco-Prussiana: A conquista Alemã sobre a França em 1870-71**. 1ª ed. Cambridge: Editora Cambridge, 2003. Título original: The Franco Prussian War: The German conquest of France in 1870-71.
- WIDDER, W. **Auftragstaktik e Condução Interna: Marcas da Liderança Alemã**. Military Review, Fort Leavenworth – EUA, ed. Set – Out. 2002. Disponível em: http://www.ramblemuse.com/rmtp/wp-content/uploads/2010/06/Widder_2002_Auftragstaktik_MilRev.pdf. Acesso em 16. Mar.2015. Título original: Auftragstaktik and Innere Führung: Trademarks of German Leadership.

